

# OS ANIMAIS E OS HOMENS NAS FÁBULAS DE LA FONTAINE E NAS MÁXIMAS DE LA ROCHEFOUCAULD

Taciana Martiniano de OLIVEIRA\*

**RESUMO:** François de La Rochefoucauld, assim como Jean de La Fontaine, integra o grupo dos chamados escritores moralistas franceses do século XVII. No entanto, ainda que características comuns aproximem suas respectivas obras, elas diferem quanto à sua recepção. A *máxima*, gênero breve, claro e direto, teria como objetivo provocar voluntariamente o desconforto em seu leitor através das verdades por ela veiculadas, enquanto a *fábula*, mostrando-se menos intransigente com seu público, buscaria amenizar essas verdades por meio da alegoria. Esta breve exposição, apresentando alguns pontos de convergência e divergência entre os dois gêneros, pretende estabelecer entre eles uma espécie de diálogo cujo traço comum proviria do recurso à tradição animalésca.

**PALAVRAS-CHAVE:** Máxima. Fábula. La Fontaine. La Rochefoucauld. Tradição animalésca.

## Introdução

O termo “máxima”, de sua forma latina *maxima*, tem como significado literal: “sentença longa e generalizada”, sua forma breve<sup>1</sup>, assim como o aforismo, ou o provérbio, encerrando um discurso universal centrado no homem. Segundo o dicionário francês *Larousse*, a máxima seria uma fórmula que resume um princípio moralizador, uma regra de conduta ou uma sentença de ordem geral<sup>2</sup>.

---

\* Doutoranda em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – taciana2108@gmail.com

<sup>1</sup> Uma máxima sendo geralmente composta por uma ou duas frases, o que caracteriza sua brevidade.

<sup>2</sup> “Formule qui résume un principe de morale, une règle de conduite ou un jugement d’ordre générale: *maxime populaire*.” (MAXIME..., 2018).

As *Máximas e reflexões morais*<sup>3</sup>, de François de La Rochefoucauld, escritor e moralista francês do século XVII, constituem breves textos moralistas que, descrevendo a sociedade e seus costumes, encerram em poucas palavras uma apreciação geral e crítica do mundo. Se a concisão de seus enunciados facilita, por um lado, sua memorização, por outro, cabe a ela igualmente suscitar no leitor o chamado efeito surpresa.

Do ponto de vista histórico, o gosto pelas máximas, tão apreciadas pelos frequentadores dos salões do século XVII francês, teria sua origem associada a certos poetas trágicos desde o século XVI, quando estes, buscando realçar determinados trechos de seus poemas, os apresentavam entre aspas. Tais excertos, segundo eles, concentrariam importantes ensinamentos que, colocados em evidência, tocariam mais facilmente os espíritos de seus leitores, conduzindo-os à reflexão.

Do ponto de vista estilístico, tendo a finalidade de criar o efeito surpresa, a máxima tem como uma de suas características principais a chamada *chute* (queda), a qual aparece frequentemente associada a um tom de desencanto, muitas vezes acusador, que ao despertar o interesse de seu leitor, incentiva-o em sua busca pelo agente causador desta surpresa. Escrita para ser lida, relida e refletida, o significado da máxima é raramente dado por ela mesma. Vejamos um exemplo: “Todos nós temos força suficiente para suportar as dores dos outros.” (LA ROCHEFOUCAULD, 1912, p.74, M.19, tradução nossa)<sup>4</sup>.

Ao escrever as *Máximas*, La Rochefoucauld recorre à seguinte estrutura: “A nada mais é que B” (ou A é somente B), na qual a proposição A simboliza uma virtude aparente, enquanto B simboliza um vício real. Observemos: “Frequentemente a clemência dos príncipes nada mais é que um artifício político visando conquistar a afeição do povo.” (LA ROCHEFOUCAULD, 1912, p.73, M.15, tradução nossa)<sup>5</sup>; ou ainda: “A paciência dos sábios é simplesmente a arte de aprisionar no coração sua agitação.” (LA ROCHEFOUCAULD, 1912, p.74, M.20, tradução nossa)<sup>6</sup>. É por meio deste modelo de construção que o autor

---

<sup>3</sup> De seu título completo *Les Maximes de La Rochefoucauld suivies des réflexions diverses*. No entanto, a obra é geralmente citada por sua forma abreviada *Les Maximes*. Adotaremos para a presente análise a forma também abreviada em português. Confira La Rochefoucauld (1912).

<sup>4</sup> “*Nous avons tous assez de force pour supporter les maux d'autrui.*” (LA ROCHEFOUCAULD, 1912, p.74, M.19).

<sup>5</sup> “*La clémence des princes n'est souvent qu'une politique pour gagner l'affection des peuples.*” (LA ROCHEFOUCAULD, 1912, M.15).

<sup>6</sup> “*La constance des sages n'est que l'art de renfermer leur agitation dans le cœur.*” (LA ROCHEFOUCAULD, 1912, p.74, M.20).

Os animais e os homens nas fábulas de La Fontaine e nas Máximas de La Rochefoucauld busca conduzir o leitor a um questionamento de ideias pré-concebidas e de falsos juízos de valor.

Contudo, ciente de que o assentimento de seu leitor estaria intimamente ligado à sua sensibilidade, era necessário que este pudesse ler algo que não lhe parecesse ser diretamente dirigido, ou seja, algo que não o colocasse frente à sua própria fragilidade, a seus próprios defeitos. La Rochefoucauld, trabalhando habilmente a susceptibilidade de seu público sem renunciar a seu objetivo didático, propõe-lhe assim um modo de leitura, expresso em seu prefácio<sup>7</sup>:

Eis aqui um retrato do coração do homem que ofereço ao público, sob o nome de *Reflexões ou Máximas morais*. É possível que o mesmo não agrade a todos, seja por nele se reconhecerem em demasia, seja por não se sentirem suficientemente adulados pelo texto. [...] Enfim, o melhor que o leitor possa fazer é primeiramente convencer-se de que nenhuma dessas máximas lhe diz particularmente respeito, sendo ele sua única exceção, apesar de uma aparente generalização; após haver assim agido, asseguro que ele será o primeiro a aquiecer, pensando até que as mesmas [as máximas] fazem bem ao coração humano. (LA ROCHEFOUCAULD, 1664, p.153, tradução nossa)<sup>8</sup>.

Assim como Jean de La Fontaine, François de La Rochefoucauld integra o seletto grupo dos escritores moralistas franceses de seu século. Vejamos algumas características presentes nas obras dos dois autores e comuns a esse gênero literário:

- a) Análise de comportamentos sociais, não individuais.  
Ainda que em diversos momentos seja possível reconhecer os diferentes corpos sociais visados pelos dois autores em questão (cortesãos, nobres, etc), suas obras são direcionadas ao homem de maneira geral;
- b) Exposição dos defeitos humanos, como a ambição, a busca pelo poder, as traições, o gosto pela aparência e a importância dada à posição social;

---

<sup>7</sup> O prefácio, intitulado *Avis au lecteur*, aparece em 1665, na primeira edição francesa das *Máximas*, tendo sido retirado nas edições seguintes.

<sup>8</sup> "Voici un portrait du cœur de l'homme que je donne au public, sous le nom de *Réflexions ou Maximes morales*. Il court fortune de ne plaire pas à tout le monde, parce qu'on trouvera peut-être qu'il ressemble trop, et qu'il ne flatte pas assez. En un mot, le meilleur parti que le lecteur ait à prendre est de se mettre d'abord dans l'esprit qu'il n'y a aucune de ces maximes qui le regarde en particulier, et qu'il en est seul excepté, bien qu'elles paraissent générales; après cela, je lui réponds qu'il sera le premier à y souscrire, et qu'il croira qu'elles font encore grâce au cœur humain [...]" (LA ROCHEFOUCAULD, 1664, p.153).

- c) A ironia com que ambos abordam até mesmo as qualidades do homem;
- d) O pessimismo e a desilusão expressos pelos dois autores face às atitudes humanas. O comportamento humano, assemelha-se ao comportamento animal, uma vez que reage por meio de seus piores instintos.

### **Tradição animalesca na máxima e na fábula**

É desta maneira que, como La Fontaine, La Rochefoucauld irá associar à tradição animalesca sua visão crítica sobre o homem, seu contemporâneo. No entanto, é importante lembrar que as *Máximas* de La Rochefoucauld, publicadas na França em 1665, são anteriores à primeira edição das fábulas de La Fontaine, que aparecem em 1668.

Observemos a seguir a arte de La Rochefoucauld em seu discurso sobre a relação de força e dominação entre as espécies:

#### **Da Relação dos Homens com os Animais<sup>9</sup>**

Há tantas espécies de homens quantas de animais, e são os homens uns para os outros o que as diferentes espécies de animais são entre si e para as outras. Quantos homens não vivem do sangue e da vida dos inocentes!

Uns, como tigres, são sempre bravios e cruéis;

outros como leões, guardam certa aparência de generosidade;

outros, como ursos, são ávidos e grosseiros;

outros como lobos, são raptos impiedosos;

outros como raposas, vivem de sua indústria, têm por ofício lograr.

Quantos homens não têm parte com os cães! Destroem sua própria espécie, caçam para o prazer de quem lhes dá de comer, às vezes, seguem os donos, outras lhe guardam a casa.

Há lebréus de guerra que devem a vida ao próprio valor, que têm nobreza na coragem;

há dogues encarniçados que só o furor têm por qualidade;

há cães menos ou mais inúteis que ladram sempre e só às vezes mordem.

Há mesmo os cães de guarda que nem comem o que é do dono nem deixam os outros comerem.

Há símios e macacas que agradam pelas maneiras, que têm o espírito e fazem sempre o mal;

---

<sup>9</sup> Título original em francês: "*Réflexion du rapport des hommes avec les animaux*". Tradução para o português: Leda Tenorio da Mota.

há pavões que só beleza têm, cujo canto desagrade e que destroem o lugar onde habitam.

Há pássaros que só se recomendam pela plumagem e pelas cores.

Quantos papagaios não falam sem cessar e nunca ouvem o que dizem;  
quantas pegas e gralhas não se deixam amansar para melhor furtar; quantas aves de rapina não vivem só da rapina;  
quantas espécies de animais pacíficos e tranquilos não servem só de comida aos outros animais!

Há gatos, sempre à espreita, maliciosos e infíéis, que têm a pata de veludo;  
há víboras de língua venenosa cujo restante tem emprego, há aranhas, moscas, pulgas e percevejos sempre incômodos e insuportáveis;  
há sapos que só dão pavor e veneno;  
há corujas que temem a luz.

Quantos animais não vivem debaixo da terra somente para se preservar!

Quantos cavalos não empregamos em tantas coisas e não abandonamos quando já não servem;

quantos bois não trabalham a vida toda para enriquecer aquele que lhe impõe o julgo;

quantas cigarras que passam a vida a cantar;

lebres que de tudo têm medo;

coelhos que se assustam e socegam num prisco;

porcos que vivem na devassidão e no lixo;

canários domesticados que logram seus semelhantes e os atraem para a rede;

corvos e abutres que só vivem de podridão e corpos mortos!

Quantas aves de arribação não vão de um mundo para outro e se expõem a perigos em busca da vida!

Quantas andorinhas sempre à procura de bom tempo;

besouros irrefletidos e sem rumo...

borboletas que anseiam pelo fogo que as queima;

abelhas que respeitam a rainha e com regra e indústria se mantêm!

Quantos zangões errantes e preguiçosos que procuram se estabelecer às expensas das abelhas!

Quantas formigas cuja providência e economia lhes alivia as necessidades!

Quantos crocodilos que fingem derramar lágrimas para devorar quem com elas se comove!

E quantos animais subjugados porque ignoram sua força!

Todas essas qualidades tem o homem, e pratica com os outros tudo o que praticam os animais de que falamos (LA ROCHEFOUCAULD, 1994, p.119-124).

Observemos o inegável contraste entre o manifesto tom crítico e acusador adotado pela máxima e a indulgência mostrada para com seu leitor na fábula abaixo, publicada em 1668, e dedicada por La Fontaine à La Rochefoucauld:

***O Homem e sua imagem***

Para o Senhor Duque de la Rochefoucauld  
autor do livro das *Máximas*

Pensava um homem ser o mais belo do mundo,  
sem ter um só vil rival que aos pés se lhe chegasse.  
Vivia assim feliz, nesse engano profundo,  
pois chamava de falso o espelho que encontrasse.  
Com o fito de curá-lo, a Sorte, diariamente,  
lhe apresentava sempre, à frente,  
os conselheiros mudos das belas senhoras:  
espelhos, espalhados por todos os lados,  
pendurados, presos, mostrados  
em todo lugar, em todas as horas.  
Que fez nosso Narciso? Foi-se refugiar  
no mais distante, escuro e remoto lugar  
jamais imaginado, onde não existia  
um indiscreto espelho. Ali, porém, havia  
certo regato de água clara,  
no qual, indo beber, eis que depara,  
com sua própria imagem. «Deve ser miragem,  
quimera vã!» – e tenta não olhar  
para as águas, que seguem a rolar;  
tenta fugir dali – fascinante paragem!  
Consegue-o com dificuldade...

Sabeis perfeitamente o que quero dizer:  
esta doença aflige toda a Humanidade.  
O vaidoso é nossa alma, que não quer saber  
de ver nossos defeitos; e os espelhos são  
as tolices alheias, o reflexo exato  
das nossas; e quanto ao regato,  
são as *Máximas*, obra prima da razão (LA FONTAINE, 1989,p.100-101).

Os animais e os homens nas fábulas de La Fontaine e nas Máximas de La Rochefoucauld

*O Homem e sua imagem* (I, 11) é o primeiro texto da obra *Fábulas escolhidas e escritas em verso pelo Senhor de La Fontaine*<sup>10</sup> a elogiar um outro escritor, após a dedicatória em versos escrita a Esopo e intitulada *Ao Delfim de França*<sup>11</sup>. Seu subtítulo, que na primeira edição continha somente as iniciais M.L.D.D.L.R., é na verdade uma alusão transparente a *Monsieur le Duc de La Rochefoucauld*, o qual, três anos antes, havia publicado a primeira edição das *Máximas*.

O personagem principal da fábula de La Fontaine busca escapar à própria imagem refletida pelos espelhos. Tais objetos, presentes em todos os lugares frequentados pelo protagonista, incluindo sua própria casa, obrigam-no a refugiar-se na solidão da natureza. Contudo, atraído pela água pura e clara de um riacho, o personagem ali se depara com seu rosto refletido. Surpreso e assustado, ele consegue finalmente fugir à visão perturbadora de si mesmo e deixa o local. A explicação para a alegoria é dada pelos últimos versos, que comparam as águas do riacho às *Máximas*, uma vez que ambas colocam o homem face às suas imperfeições.

Analisando a fábula de La Fontaine e sua referência à poeticidade das *Máximas*, Corradi (2015) afirma que o fabulista não intencionava somente colocar em foco os diferentes protocolos de recepção dos dois gêneros textuais, mas que buscava igualmente estabelecer uma distância entre o mundo da fábula e o mundo das máximas. Assim, o leitor de La Rochefoucauld, seduzido num primeiro momento pela beleza estética e pela retórica de seus textos, ver-se-ia em seguida confrontado a uma severa e crítica avaliação de si mesmo, o que caracterizaria, segundo Corradi (2015), a aliança paradoxal entre o rigor formal, a riqueza estilística e uma desconfortante visão da condição humana habilmente realizada por La Rochefoucauld e apresentada sem rodeios ao leitor. Quanto à fábula, esta, fazendo recurso à alegoria e à ficção infantilizada por meio de animais humanizados, garantiria o prazer da leitura dissimulando o constrangimento despertado pelas verdades por ela anunciadas. Tal procedimento permitiria ainda à fábula evitar uma recusa por parte do leitor<sup>12</sup>.

No entanto, embora composto por imagens alegóricas, não podemos deixar de observar que *O Homem e sua imagem* contrasta com o conjunto da obra do fabulista, justamente por não assemelhar-se a uma fábula esópica propriamente dita.

<sup>10</sup> Título original: *Fables choisies et mises en vers par M. de La Fontaine*. Confira La Fontaine (1668).

<sup>11</sup> Título original: *À Monseigneur le Dauphin*.

<sup>12</sup> A recusa por parte do destinatário da mensagem também pode ser observada em um outro texto de La Fontaine intitulado *O Poder das fábulas* (VIII, 4). Confira La Fontaine (1668).

É igualmente interessante observar que La Fontaine, por meio de seu texto, não somente tece elogios às *Máximas* em termos de conteúdo, como também em relação à sua originalidade formal. Principal representante na reformulação da fábula moderna por ter conservado seu princípio de autonomia e sua lógica própria ao mesmo tempo em que se prevalece de uma reflexão moral mais atual, La Fontaine é também mestre na arte de associar diferentes gêneros textuais. Segundo Corradi (2015), associando em *O Homem e sua imagem* o apólogo à formas poéticas semelhantes, como a fábula, o epigrama e o emblema, é que o fabulista consegue recriar a atmosfera das *Máximas* ao mesmo tempo em que realça a singularidade desse tipo de texto.

Retornemos ao apólogo e observemos o efeito surpresa produzido por seus últimos versos. É justamente este efeito surpresa que nos permite considerar o texto como epigrama, uma vez que tudo nele converge em direção a *chute*. O texto que, num primeiro momento se assemelha a um princípio moral válido para todos os homens, transforma-se aos poucos num elogio a um único homem. A leitura dos versos finais incita o leitor à releitura do texto completo, a fim de melhor interpretar a significação dos demais elementos em sua totalidade.

Vejamos em seguida um outro gênero textual bem próximo à fábula e ao epigrama, o chamado emblema, cuja característica principal é a de concentrar-se em um enigma que conduz a um raciocínio complexo. Sua estrutura, frequentemente dividida em três partes (figura, título e epigrama) desenvolve-se até o chamado ponto de revelação do enigma. Muitas fábulas de La Fontaine apresentam uma estrutura narrativa bem similar ao emblema (desenho, título e fábula em versos), tal estrutura, evoluindo em torno de uma imagem, conduz a uma moral geralmente breve. Assim, tanto a fábula como o emblema apresentam um sentido literal e uma significação moral como resultado de uma revelação final. Contudo, apesar das semelhanças, as duas formas também apresentam diferenças, como por exemplo, a resolução do enigma, recurso muito menos necessário à fábula que ao emblema, tornando muitas vezes, no caso das fábulas, a moral supérflua e redundante. O mesmo acontece com o efeito surpresa, razão pela qual este é tantas vezes ignorado pelo fabulista. No entanto, se analisarmos *O homem e sua imagem* veremos que o que ali prevalece é justamente a decifração do enigma, ironizada pelo fabulista no verso: “Sabeis perfeitamente o que quero dizer”.

Observemos mais uma vez o personagem principal da fábula acima. Motivada pelo amor-próprio, ela representaria, ainda segundo Corradi (2015), nossa própria imagem, ou seja, embora capazes de reconhecer as falhas alheias,



Os animais e os homens nas fábulas de La Fontaine e nas Máximas de La Rochefoucauld seríamos incapazes de reconhecer nossos próprios defeitos. Em outras palavras, a imagem idealizada de nós mesmos, motivada por nosso amor-próprio, entraria necessariamente em conflito com a imagem que o outro tem de nós, imagem que vemos somente através de seu olhar, do olhar do outro. Como podemos notar na primeira parte do texto, quando o protagonista, apresentado como frequentador da sociedade, torna-se testemunha de sua vaidade:

*Afin de le guérir, le sort officieux  
Présentait partout à ses yeux  
Les Conseillers muets dont se servent nos Dames :  
Miroirs dans les logis, miroirs chez les Marchands,  
Miroirs aux poches des galants,  
Miroirs aux ceintures des femmes.* (LA FONTAINE, 1694, p.32, grifo  
nosso)<sup>13</sup>.

Ao refletir seus próprios defeitos, os defeitos dessa sociedade provocam-lhe um imenso desconforto. A fuga aparece assim como a única forma de preservar a imagem idealizada de si mesmo. Contudo, uma vez distante do convívio social, o personagem é incapaz de escapar a si mesmo, e sua tomada de consciência aparece como inevitável. Embora subtraindo-se ao olhar do outro, o amor-próprio não é capaz de fugir a seu próprio olhar, que se dá a partir de sua imagem refletida no riacho, este último simbolizando as *Máximas*.

Corradi (2015) nos oferece ainda uma interessante análise sobre a multiplicidade dos espelhos no texto de La Fontaine, observando que toda a fábula parece convergir para uma dupla significação em torno da imagem oferecida pelo objeto. Assim, enquanto num primeiro momento os espelhos artificiais evocariam a vaidade e a pretensão humanas, sua multiplicidade contribuindo para com o narcisismo, num segundo momento, o espelho natural do riacho possibilitaria o auto-conhecimento e ofereceria uma imagem única e implacável de si mesmo. Esse duplo sentido simbólico revelaria igualmente, segundo Corradi, o contraste entre a agitação da vida mundana e o silêncio interior, sendo este último a única forma de alcançarmos o auto-conhecimento. A mesma reflexão pode ainda ser observada em outra fábula de La Fontaine, no livro XII, intitulada *O Juiz árbitro*,

---

<sup>13</sup> “Optamos aqui pelo texto original visto este oferecer um léxico mais interessante para a análise: “A fim de o curar, o destino officioso / Apresentava a seus olhos, em todos os lugares / Os conselheiros mudos servidores das Damas: / Espelhos nas casas, / Espelhos nos comércios, / Espelhos nos bolsos dos galanteadores, / Espelhos às cinturas das mulheres.” (LA FONTAINE, 1964, p. 32, tradução nossa).

*o hospitaleiro e o solitário*, quando dois santos aflitos buscando refúgio na natureza, associam a imagem da água pura à fonte de auto-conhecimento:

*Là sous d'après rochers, près d'une source pure,  
Lieu respecté des vents, ignoré du soleil,  
Ils trouvent l'autre Saint, lui demandent conseil.  
Il faut, dit leur ami, le prendre de soi-même.  
Qui mieux que vous sait vos besoins ?*

*Apprendre à se connaître est le premier des soins  
Qu'impose à tous mortels la Majesté suprême.  
Vous êtes-vous connus dans le monde habité ?  
L'on ne le peut qu'aux lieux pleins de tranquillité :  
Chercher ailleurs ce bien est une erreur extrême.  
Troublez l'eau : vous y voyez-vous ?  
Agitez celle-ci. Comment nous verrions-nous ?* (LA FONTAINE, 1694, p. 3, grifo nosso)<sup>14</sup>.

Parece-nos interessante ainda observar a contraposição entre a água tranquila e pura de um riacho, na superfície da qual o homem pode ver-se e (re)conhecer-se, e a agitação do oceano, associado ao amor-próprio na longa máxima de La Rochefoucauld, retirada de sua obra a partir da 5a. edição:

*Voilà la peinture de l'amour-propre, dont toute la vie n'est qu'une grande et longue agitation : la mer en est une image sensible, et l'amour-propre trouve dans le flux et reflux de ses vagues continuelles une fidèle expression de la succession turbulente de ses pensées et de ses éternels mouvements.* (LA ROCHEFOUCAULD, 1912, p. 205)<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> “E ali, sob pedras escarpadas, próximo a uma fonte de água pura, / Lugar respeitado pelos ventos, ignorado pelo sol, / Eles encontram o outro Santo, lhe pedem conselho. / É preciso, diz o amigo, procurá-la [a felicidade eterna]em si mesmo. / Quem melhor do que vocês para conhecer suas necessidades? / Aprender a conhecer-se é o primeiro dos cuidados / Que impõe a todos os mortais a Majestade suprema/ Você encontrou-se no mundo habitado? / Isso só é possível em lugares plenos de tranquilidade: / Procurar em outros lugares por este bem é um grande erro. / Agite a água: você é capaz de ver-se nela? / Agite-a. Como nos veríamos nós?” LA FONTAINE, 1694, p. 33, tradução nossa).

<sup>15</sup> “Eis a imagem do amor-próprio, cuja existência é inteiramente marcada por uma longa e grande agitação: o mar é a representação sensível desse amor-próprio, que encontra no contínuo vai e vêm de suas ondas, uma fiel expressão da tumultuada sucessão de seus pensamentos e de seus incessantes movimentos.” (LA ROCHEFOUCAULD, 1912, p. 205, tradução nossa).

Os animais e os homens nas fábulas de La Fontaine e nas Máximas de La Rochefoucauld

Notemos que o amor-próprio retratado por La Fontaine é um narcisismo doloroso, assemelhando-se somente em partes ao amor-próprio de La Rochefoucauld. Neste último o amor-próprio, voltado exclusivamente a si mesmo, aproxima-se do outro somente com a intenção de dominá-lo. La Fontaine emprestaria assim a La Rochefoucauld somente o caráter egocêntrico de seu amor-próprio, ignorando seu poder instintivo de dominação, como podemos observar no trecho abaixo que integra a longa máxima citada acima:

*L'amour-propre est l'amour de soi-même et de toutes choses pour soi ; il rend les hommes idolâtres d'eux-mêmes, et les rendrait les tyrans des autres si la fortune leur en donnait les moyens ; il ne se repose jamais hors de soi, et ne s'arrête dans les sujets étrangers que comme les abeilles sur les fleurs, pour en tirer ce qui lui est propre.* (LA ROCHEFOUCAULD, 1912, p.201)<sup>16</sup>.

Assim, embora a fábula e a máxima apresentem diversos elementos comuns, parece-nos evidente que seus respectivos protocolos de recepção se dêem de forma bastante distinta. Como vimos, enquanto a fábula, apresenta ao leitor uma verdade camuflada por alegorias animaiscaas que suavizam a severidade de sua mensagem, as *Máximas*, intransigentes com seu leitor, sem reserva, colocam-no face a revelações perturbadoras. Notemos ainda que mesmo La Fontaine, ao associar às *Máximas* a metáfora do riacho, chama a atenção para a clareza (sinceridade sem rodeios) de suas palavras. Ainda que admirador das *Máximas*, o fabulista tem consciência do poder de atração e persuasão que suas fábulas exercem sobre o público leitor; exemplo disto pode ser visto em seu texto intitulado *O Poder das fábulas*, (livro VIII, 4). Nele, o orador, incapaz de atrair a atenção de sua platéia para um perigo eminente, somente se fará ouvir através de uma fábula, a qual, produzindo a sensação de um prazer infantil e irresponsável, aparece ali colocada a serviço de algo elevado.

## Considerações finais

A obra de La Rochefoucauld, além de trazer consigo um contínuo questionamento sobre o homem e o sentido da vida, coloca seu leitor, ao mesmo tempo,

---

<sup>16</sup> “O amor-próprio é o amor de si mesmo e de todas as coisas para si; transformando os homens em seus próprios adoradores, ele os tornaria tiranos dos outros se o acaso lhes permitisse; achando-se jamais fora de si mesmo, ele aproxima-se do outro somente para lhe sugar aquilo que lhe é necessário, como as abelhas sobre as flores.” (LA ROCHEFOUCAULD, 1912, p. 201, tradução nossa).

enquanto ouvinte e protagonista do que lê. É por meio deste questionamento que as *Máximas* conduzem o leitor a duvidar de algo que até então se apresentava como válido, e conseqüentemente à desvalorização do que o homem deseja, o que CORRADI (2015) chama de “apelo à lucidez”, de forma direta e explícita: “Qualquer que seja o pretexto que damos às nossas aflições, sua causa está geralmente associada ao interesse e à vaidade.” (LA ROCHEFOUCAULD, 1912, p. 126, M232, tradução nossa)<sup>17</sup>.

Por outro lado, se as *Máximas* de La Rochefoucauld revelam as fraquezas do homem, é porque testemunham uma importante mudança de estado de espírito na sociedade de seu tempo, mudança em grande parte provocada pela expansão do jansenismo<sup>18</sup>, cuja teoria da predestinação teve grande influência na obra do autor. A máxima, considerada como um instrumento mundano voltado à diversão, passa então a ser utilizada por La Rochefoucauld como um instrumento de revelação, uma espécie de fórmula que conduz a um novo modo de vida em sociedade, fundado no aperfeiçoamento do caráter.

La Fontaine, em *O homem e sua imagem*, embora busque recriar a mesma atmosfera das *Máximas*, prefere servir-se dos mesmos recursos da fábula. Manipulando as tênues fronteiras entre gêneros semelhantes (apólogo, epigrama e emblema) e utilizando a alegoria como forma de amenizar o desconforto, o fabulista recorre ao tema de Narciso que, considerando-se superior a todos, é identificado ao homem de seu tempo. No entanto, diversamente de Narciso, o protagonista, cuja imagem refletida pelo espelho (riacho) não agrada, prefere acreditar tratar-se de um reflexo ilusório, o sofrimento causado por esse auto-conhecimento correspondendo assim ao efeito surpresa dado por La Fontaine para o final de seu Narciso.

Mas o que realmente pensaria La Fontaine sobre as *Máximas*? Acreditaria ele serem elas eficazes no processo de auto-conhecimento? A fábula é interrompida no momento em que deveria ser dada a resposta a esta questão. Compreendemos somente que, embora atraída durante um certo momento por sua imagem, a personagem resiste a auto-conhecer-se. Ignoramos, no entanto, se essa contemplação, ainda que breve, irá conduzi-la à tomada de consciência, à dúvida ou à negação. Segundo Corradi (2017), talvez La Fontaine tenha pretendido que

---

<sup>17</sup> “*Quelque prétexte que nous donnions à nos afflictions, ce n'est souvent que l'intérêt et la vanité qui les causent.*” (LA ROCHEFOUCAULD, 1912, p. 126, tradução nossa).

<sup>18</sup> Corrente filosófica cujo fundador, o bispo Jansen, tomando por base a filosofia de Santo Agostinho, desenvolve sua teoria segundo a qual o homem, não importando o que fizesse, seria salvo somente pela vontade de Deus.

Os animais e os homens nas fábulas de La Fontaine e nas Máximas de La Rochefoucauld o amor-próprio pudesse ser ferido, mas jamais extinto. Ou ainda, à imagem de La Rochefoucauld, o fabulista tenha preferido negligenciar as consequências de suas revelações, negando-se a oferecer ao leitor uma saída às verdades por ele expostas.

## **ANIMALS AND MEN IN LA FONTAINE'S FABLES AND LA ROCHEFOUCAULD'S MAXIMS**

**ABSTRACT :** *François de La Rochefoucauld, as well as Jean de La Fontaine, integrates the group called 17<sup>th</sup> century moralist writers. However, even with common features that approximate their works, they are distinguished by their different reception. The maxims, a brief, clear, and direct genre, would voluntarily cause discomfort in its reader due to the truths it conveys, while the fable, less intransigent towards its audience, would seek to soften these truths through allegory. This brief exposition, which presents some points of convergence and divergence between the two genres, seeks to establish a dialogue between them, and the particularity of this dialogue would arise from the use of the animal tradition.*

**KEYWORDS:** *Maxim. Fable. La Fontaine. La Rochefoucauld. Animal tradition.*

## **REFERÊNCIAS**

CORRADI, F. Narcisse et la chimère : la maxime au miroir de la fable: Une fable de La Fontaine au prisme de la critique. **Publifarum**, n.24, 21 sept. 2015. Disponível em: <[http://www.farum.it/publifarum/ezine\\_articles.php?id=323](http://www.farum.it/publifarum/ezine_articles.php?id=323)>. Acesso em : 13 nov. 2017.

LA FONTAINE, J. de. **Fabulas de La Fontaine**. Tradução de Milton Amdo e Eugênio Amado. Belo Horizonte : Italaia, 1989.

\_\_\_\_\_. **Les Fables de La Fontaine**. 1694. Disponível em: <<http://bibliotheque numerique.tv5monde.com/livre/78/Les-Fables-de-La-Fontaine>>. Consultado em 16/01/2018.

\_\_\_\_\_. **Fables choisies**. Paris : Claude Barbin, 1668. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k57581w.image>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

LA ROCHEFOUCAULD, F. Duc de. **Máximas e reflexões/La Rochefoucauld**. Apresentação, tradução e notas, Leda Tenório da Mota. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1994.

\_\_\_\_\_. **Les Maximes de La Rochefoucauld suivies des réflexions diverses**. Paris: Flammarion, 1912. Disponível em: <<https://archive.org/stream/lesmaximes delaro00laro#page/70/mode/2up/search/miroirs>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. **Réflexions ou sentences et maximes morales**. 1664. Éditions du groupe «Ebooks libres et gratuits». Disponível em: <<http://www.madissertation.fr/wp>>

Taciana Martiniano de Oliveira

content/uploads/2018/02/la\_rochefoucauld\_maximes.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2018.

MAXIME. In: LAROUSSE. Dictionnaire Français en ligne. Disponível em: <<https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais>>. Acesso em : 17 jan. 2018.

